

Alhures ou outrora, o mundo já não se estabiliza há um tempo, não há lugar que se torne paragem e nem tempo que seja permanência. Há só uma memória vaga de que em algum momento foi diferente. Será? O estrangeiro é o contemporâneo por excelência, deslocado, inquieto, tentando se guiar por referências que já não mais orientam, mas dispersam. Como traduzir uma experiência de desamparo dessa magnitude? Tradutore, traditore! O lema italiano nos lembra que nada fica como está, atravessar fronteiras é se deixar marcar por uma diferença pura. Desencontro: os atravessamentos embaralham o tempo e o espaço.

As redes prometeram o fim das fronteiras e dos preconceitos, mas entregou nazismo new age. Aboliram as fronteiras para negar as diferenças, restou o imperialismo do sentido mortificado. Quando as imagens gaguejam é meme, quando os seres gaguejam é desejo. Máquinas não desejam, mas demandam a repetição do toque e do olhar, masturbação com a ponta dos dedos, compensam a culpa com a profusão de sentidos para vidas desesperadas, vendem militância enlatada e elitismo pop, é a indústria da percepção memética e da interpassividade culpada.

Desejar é trair porque o desejo desloca, não respeita fronteiras, pactos ou ideais, ao mesmo tempo que depende das línguas e das fronteiras para que se manifeste, exige atravessamento. Desejar é se perder de si, se perceber falando uma língua outra, não a compreender e ainda assim querer ouvi-la, como um bebê se delicia com as palavras de seus cuidadores. Os bebês são pedaços de carne pulsante que só podem ser erotizados com as palavras, se tornam gente com toques, gestos e muita tagarelice, aprendem a amar e a trair, recebem um lugar para deixá-lo. Se constituem a partir do desejo dos pais e o jogam no mundo, o passam com gosto na sarjeta para depois retorná-los a casa irreconhecível, maldito desejo traditore, bendito desejo que se faz tradutore do ser.

Marcelo Gandhi é um artista infiel, filho de um militar comunista com uma professora formada no magistério, traz a contradição na história, na pele e na arte. Traduz o in.mundo, aquilo que está dentro do mundo, irrepresentável, traindo-o a todo instante. Entrar em com o seu trabalho é sentir a percepção a traída, é o anti-meme por si, inquietação pura, embaraço do contemporâneo, desejo em sua experiência pré-linguagem.

Toda a indústria cultural empastelou os clássicos. Ah! O que seria da Disney sem Shakespeare? O que seria do cinema de ação sem as tragédias gregas? Alta cultura embutida

em baixos produtos. Roteiristas famintos e apaixonados produzindo cacoetes em série fazem com que nada mais se distingua, tudo é algoritmo, tudo é meme. Hamlet está stalkeando toda a corte no Instagram, Van Gogh agora pinta pokémon, e a percepção vagueia por sobreposições de sentido.

O trabalho de Gandhi percorre o caminho inverso, trai o tempo todo, inclusive o próprio nome, produz imagens bem distantes da inspiração pacifista que o batiza. Brinca com a necessidade de pertencimento dos sentidos, translada dores, medos e expectativas, conjuga a terra e o sexo, as cores tão presentes na tradição sertaneja fazem camadas com a serialidade industrial urbana. Coloca os baixos produtos na alta-cultura sem apresentar qualquer juízo de valor.

O pop é a assimilação da arte sob o sentido da indústria, é o devir da repetição. A pop arte foi o seu enquadramento, a crítica metaforizada, a revelação de que a arte não mais poderia servir como distinção de poucos, mas a revelação de seu papel subversivo para muitos. Boa novidade, mas rapidamente assimilada: enlataram as críticas. Sobraram algumas tarefas essenciais no mundo da arte, dentre elas, desmistificar a obra tirando-a do lugar de piada interna. Deslocando-a do lugar da crítica da qual uma aristocracia intelectual a reivindica sobre si como lugar de saber-poder. Marcelo Gandhi pisa ali no elitismo e na aristocracia, finge que vai por esse caminho, e o trai logo em seguida.

Prova disso é a tela branca com cores vibrantes em quadrados bem delineados operando uma contraproposta do suprematismo russo de Kazimir Malevitch. O Artista Infiel é uma proposta na qual a arte de vanguarda em toda sua sacralidade é atingida pelo devir profano da cultura brasileira em sua versão mais libertária, faz uma versão de tropicália sertanista alimentada por cultura pop.

O deslocamento de uma classe social para a outra, da heteronormatividade para a cultura queer e seus corpos erotizados por inteiro, das máscaras, passando pelas máquinas que nos compõe, até chegar nos órgãos, tudo isso está ali, em seu trabalho. Quem buscar identidade nessas obras não a encontrará, felizmente, pois aqui não há qualquer tipo de orgulho ao pertencimento, mas exaltações do nomadismo, fluxo contínuo de diferentes lugares e propostas que furam umas às outras.

Trair as representações e o trabalho da percepção, fazê-las negar suas premissas e nos jogar em lugares desconhecidos. As obras da exposição “o artista é infiel” formam uma espécie de algoritmo subversivo, é o anti-meme, pois as referências presentes nas obras e, as obras em si, não parecem consigo mesmas. A criatividade ímpar do artista produz distinção a todo

momento, causa em quem a vê, um dever correspondente ao do Escriturário de Herman Melville, Bartleby, mas ao invés de dizer “eu preferiria não”, sentimos uma espécie de “não é isso, não é isso, não é isso”.

Liberdade é uma palavra que passou por muito tempo sendo surrada pelos fascistas. Também é, talvez, um dos maiores clichês do mundo da arte. Mas nas obras de Gandhi encontra espaço totalmente fora de seus lugares comuns, inclusive, fora da premissa, totalmente enganadora, de que alguém que se preze tem de ser fiel a si mesmo. Tal premissa pode produzir um inferno ao supor que na vida ordinária existe uma autenticidade pura e simples, isso pode-se chamar de narcisismo infantil. Liberdade é poder trair a si mesmo sem se comprometer com o Outro, posicionando no mundo algo de inominável em si, só dessa maneira há espaço para a criação que habita essa exposição: a tradução do imundo no mundo, o criador e suas traições. É bom lembrar e se conformar para, só depois, se sentir traído novamente: o artista é infiel.

o artista é infiel

marcelo gandhi

29.02.2024 — 28.03.2024

[02.29.2024 — 03.28.2024]

aura galeria

rua da consolação, 2767
jardins, são paulo

seg a sex das 10h às 19h
sáb das 11h às 17h

aura.art.br
+55 11 3034-3825